

Uma teoria política da comunicação¹

A political theory of communication

Una teoría política de la comunicación

Dominique Wolton

Centre National de la Recherche Scientifique

<dominique.wolton@cnr.fr>

Resumo

Neste texto, Dominique Wolton resume a teoria política da comunicação que defende, após anos de pesquisa consagrados à comunicação em campos muito diferentes, dos costumes ao trabalho, da informação ao jornalismo, dos meios de comunicação à comunicação política, dos territórios ultramarinos ao mundo francófono e às línguas românicas, da Internet à Europa, da globalização à diversidade cultural, da comunicação à epistemologia do conhecimento.

Palavras-chave: Comunicação. Incomunicação. Acomunicação.

Abstract

In this text, Dominique Wolton summarizes the political theory of communication that she defends, after years of research devoted to communication in very different fields, from customs to work, from information to journalism, from the media to political communication, from overseas territories to the French-speaking world. and to Romance languages, from the Internet to Europe, from globalization to cultural diversity, from communication to the epistemology of knowledge.

Keywords: Communication. Incommunication. Acommunication

Resumen

En este texto, Dominique Wolton resume la teoría política de la comunicación que defiende, tras años de investigación dedicada a la comunicación en campos muy diferentes, de las costumbres al trabajo, de la información al periodismo, de los medios a la comunicación política, de los territorios de ultramar a la mundo francófono y a las lenguas romances, de Internet a Europa, de la globalización a la diversidad cultural, de la comunicación a la epistemología del conocimiento.

Palabras clave: Comunicación. Incomunicación. Acomunicación.

Após anos de pesquisa consagrados à comunicação em campos muito diferentes, dos costumes ao trabalho, da informação ao jornalismo, dos meios de comunicação à comunicação política, dos territórios ultramarinos ao mundo francófono e às línguas românicas, da Internet à Europa, da globalização à diversidade cultural, da comunicação à epistemologia do conhecimento, posso resumir a teoria política da comunicação que defendo.

1. Comunicar é viver

A comunicação é provavelmente uma das atividades humanas mais fundamentais e uma das mais universais. Cada um busca o outro para trocar, compartilhar, amar, inventar, tanto no plano individual quanto coletivo. *Viver é comunicar*. Após séculos de luta,

¹ Tradução de Dayana K. Melo da Silva.

a comunicação se tornou, juntamente com a informação, o símbolo político e cultural da liberdade e da emancipação.

Mas, hoje, a comunicação é desvalorizada, frequentemente identificada com “*la com*”² “a manipulação”. A descoberta das dificuldades da comunicação humana, à medida que a liberdade de comunicar se expande, não é, sem dúvida, um acaso diante da atual depreciação. Sobretudo porque, simultaneamente, os progressos *técnicos* do mesmo nome (rádio, televisão, internet) dão o sentimento de que os “tubos” *compensam* as dificuldades da comunicação humana, ou mesmo melhoram-na – principalmente em tempos de globalização, em que o tempo e o espaço parecem conquistados. Como resultado, a comunicação humana já não ocupa, tanto na realidade como na teoria, o lugar que deveria ser dela. Ela já não tem a mesma legitimidade de ontem. Deve-se dizer que ela se tornou tão banal (exceto em ditaduras, evidentemente) que não fascina mais. Por outro lado, estamos muito mais seduzidos, e intrigados, pelas performances crescentes da técnica do que pelas hesitações e lentidões da comunicação humana. Basta olhar para as promessas do 5G...

A *informação*, até hoje, não havia sofrido a mesma depreciação. Os fatos e a verdade permaneceram, ao contrário, no horizonte da informação. E a técnica, cada vez mais eficaz, foi na mesma direção. Tudo tecnicamente tinha de tornar a informação mais fácil e objetiva. Mas, aqui também, um processo de desvalorização se iniciou gradualmente. Muito mais informação e velocidade de transmissão não criaram mais verdade e objetividade, mas, ao contrário, mais rumores, dúvidas e mentiras. Ruptura totalmente inesperada, até o atual triunfo das informações falsas. Resultado? A informação está agora se desvalorizando quase tão rapidamente quanto a comunicação. Todo mundo pensa que todo mundo está mentindo e tentando manipular todo mundo. A informação e a comunicação são, portanto, finalmente atacadas pelo mesmo processo de depreciação e deslegitimação. Na comunicação, é a ideia de *manipulação* que prevalece sobre a de troca e de partilha. Para a informação, prevalecem as informações falsas, em detrimento da busca dos fatos e da verdade. Catastrófico, pois se trata de dois pilares indispensáveis da democracia.

Certamente, há sempre uma dualidade da informação e da comunicação, com um aspecto positivo e negativo, como em todas as atividades humanas: basta pensar na política, na economia, na religião etc., mas hoje prevalecem a suspeita, a dúvida e a dimensão negativa.

*

**

Diante desse declínio da dupla informação-comunicação, assistimos, por outro lado, à emergência dos valores positivos da *ecologia*, o outro grande desafio teórico e político do século XXI. Lá onde a comunicação e a informação decepcionam, e até preocupam, a ecologia agrada e ganha em legitimidade. Ela é o símbolo da luta pelo respeito à natureza, ao meio ambiente e aos animais. Lá onde a dupla informação-comunicação é identificada com tentações de manipulações mútuas, a ecologia é, ao contrário, percebida como objetiva e justa.

2 N.T.: Tal expressão, no sentido empregado pelo autor, caracteriza a comunicação da forma mais caricatural. Frequentemente atribuída a políticos, instituições e empresas, entende-se que “*la com*” seria uma intenção de manipulação, servindo apenas para desvalorizar a comunicação.

Mas isso é esquecer que é mais fácil conviver pacificamente com a natureza e os animais do que com os Homens. A natureza não fala; os Homens, ao contrário, falam sem parar – e raramente para se entender pacificamente... *A comunicação é, portanto, uma atividade muito mais difícil de ter sucesso do que a ecologia*, mesmo que esta também encontre muitos obstáculos. Assistimos, pois, a um processo estranho: a valorização da ecologia, a desvalorização da comunicação, embora não haja ecologia sem comunicação com todas as vantagens e desvantagens conhecidas. A ecologia nem sempre é irênica e pacífica. Pode-se até ser um perfeito ecologista e ao mesmo tempo ser violento, arrogante, sem se importar com os outros... O respeito pela natureza e pelos animais não garante de forma alguma, infelizmente, apesar das retóricas, um maior respeito por outras culturas. E os ecologistas estão muito mais interessados nas relações com os animais e a natureza do que nas relações humanas e sociais. Muitas vezes eles até ignoram essa questão, como se bastasse ser ecologista para ser humanista. Além disso, os ecologistas estão se dilacerando entre eles, assim como todo mundo. Eles não escapam da violência entre os Homens, mas não falam dela, como se todo ecologista fosse naturalmente virtuoso. Então sim ao respeito pela *diversidade da natureza*, mas com a condição de não esquecermos de respeitar esta dimensão, ainda mais complicada e tão pouco respeitada, da *diversidade humana e social*. A palavra *diversidade* não tem a mesma ressonância em toda parte. Basta ver o destino reservado aos migrantes no mundo e a todas as formas de racismo para compreender a *desproporção* entre os dois. Podemos muito bem preservar a diversidade da natureza sem preservar a dos Homens. É indispensável fazer avançar os dois combates, ecologia e comunicação, simultaneamente, o que infelizmente não é o caso. Em suma, a batalha para salvar a condição humana é ainda mais complicada do que a da ecologia, mais uma razão para não idealizar demais a ecologia... Por que esse paralelo? Porque há uma tendência muito grande hoje em desacreditar a comunicação e a informação, e essencializar a ecologia.

Podemos dizer de outra forma: é mais fácil conviver pacificamente com a natureza e os animais do que com os Homens e as sociedades. De nada serve fazer triunfar a ecologia se ao mesmo tempo os Homens continuam tão violentos entre si. Conviver mais pacificamente com a natureza, objetivo eminentemente desejável, não implica conviver mais facilmente com os Homens. Resolver a questão da paz entre as sociedades é, portanto, ainda mais difícil do que respeitar o meio ambiente.

2. As três dimensões da comunicação

Se retornarmos ao desafio da comunicação, no sentido de uma convivência mais pacífica possível entre Homens e sociedades, podemos distinguir *três dimensões da comunicação*: *partilha, incomunicação, comunicação*. Três dimensões quase universais, admissíveis tanto no plano individual quanto coletivo e que, precisamente, explicam a complexidade desses conceitos hoje demasiadamente deslegitimados.

• Comunicar é partilhar

Todos nós buscamos comunicar. Comunicar é amar, trocar, partilhar, falar, se encon-

trar, empreender. Do primeiro ao último dia, é o que dá sentido à vida, conscientemente ou inconscientemente. O horizonte normativo.

• Comunicar é deparar com a incomunicação

O problema da comunicação é o *receptor*, aquele a quem nos dirigimos. Ele nem sempre está lá. Queremos partilhar, trocar, esbarramos na incomunicação. Infelizmente, isso é tão consubstancial à comunicação quanto o desejo de compreender um ao outro. A incomunicação, portanto, torna-se frequentemente o horizonte da comunicação. “Não há pior surdo do que aquele que não quer ouvir”, diz o provérbio. Nesse caso, duas saídas são possíveis: assumimos a fracasso, a acomunicação, e seguimos em frente. Ou, ao contrário, começamos a negociar para encontrar um terreno de entendimento. Nas relações privadas e públicas, os Homens e as sociedades passam um *tempo considerável* negociando para inventar uma solução pacífica para a incomunicação. Cada um pode fazer essa constatação cotidianamente. Se a negociação tiver sucesso, nós *convivemos*. O que acontece com bastante frequência na vida privada ou pública. A convivência negociada, não imposta, é sempre uma vitória. Evitamos o intraduzível. Passamos a vida lá, sem sempre vê-lo ou reconhecê-lo. Em todas as línguas e em todas as culturas.

• A acomunicação

É o fracasso, a ruptura. Chega de negociação: “não temos mais nada a dizer um ao outro”, diz esse outro provérbio. A acomunicação se impõe, ou resulta do fracasso das transações. Com a incomunicação, subsistem um quadro comum, reflexos, referências. Com a acomunicação, há apenas alteridade, a derrota, a ruptura. Tanto nas relações privadas como nas públicas, nas sociais como nas políticas. Das relações interpessoais, ao casal, às empresas, às sociedades, cada um aprende sobre isso. Experiência sempre dolorosa, nem sempre evitável, em todo caso frequente. Cada um experimenta os danos da acomunicação, cujo símbolo mais forte é a *guerra*. E toda a arte da negociação, em escala coletiva e individual, é tentar evitar esse fracasso. Essa é a grandeza da diplomacia.

*

**

Refletir a comunicação, portanto, significa pensar nessas *três dimensões*: partilha, incomunicação, acomunicação. Sempre com essa imensa dificuldade: a comunicação é sempre uma mistura entre o íntimo e o social, a relação e o contexto. Ninguém lhe escapa, em todos os níveis e em todas as sociedades. Ela concerne tanto à comunicação humana quanto à comunicação técnica. É nisso que essas três dimensões constituem uma espécie de *modelo universal*.

A comunicação é sempre um risco e uma aposta, que depende também de um *receptor* que, evidentemente, perturba as condições de troca. E com o receptor intervém igualmente o papel do *contexto*. Em suma, a comunicação nunca é direta ou de sucesso garantido. Sua força? Abordar, para além do receptor, a questão do encontro com o outro. *Comunicar é buscar o mesmo, encontrar o outro e ter de negociar com ele*. Como negociar e evitar o fracasso que repre-

senta a comunicação? Estas três dimensões da comunicação, tanto privadas como públicas, são indissociáveis e concernem todas as línguas, todas as sociedades. Exceto, evidentemente, nas ditaduras. Mas aí, infelizmente, não há comunicação, no sentido que a entendemos, ou seja, com um mínimo de liberdade e igualdade entre os protagonistas.

3. A nova comunicação política

Três consequências resultam dessa concepção antropológica e, em última análise, política da comunicação.

1. A comunicação humana é sempre mais frágil que a comunicação técnica. Ela é menos eficaz, mais difícil, incerta. Como a vida. A eficiência e o incrível progresso das técnicas de comunicação levaram-nos a conceder a essas técnicas um lugar central durante um século. Do livro ao rádio, da televisão ao computador e à internet, tudo parece favorecer essa comunicação técnica e desvalorizar a comunicação humana. No entanto, é esta última que é primordial, pois ela é consubstancial à relação com o outro, com o tempo, com a alteridade, com o fracasso, com a repetição.

Sejam quais forem as realizações da comunicação técnica, a comunicação humana continua sendo a referência última de todas as relações, aquela que dá sentido à vida. Este é o paradoxo. Sonhamos em poder ir para além dos limites da comunicação humana e passamos nosso tempo encontrando-os. Um exemplo? Por trás das redes, das inúmeras interações, dos *likes*, dos *compartilhamentos* e dos milhões de *followers* do que estamos falando? Do número de pessoas com quem estamos em relação e com quem podemos conversar. Em última análise, é a comunicação humana que continua a ser a *referência*. A solidão raramente é desejada. Ou por pouco tempo. Apesar de suas falhas e incertezas, a comunicação humana permanece, portanto, o *horizonte* de todas as relações. É sempre o outro que é procurado. A questão que, do primeiro ao último dia, nos atormenta é esta: “há em algum lugar alguém que me ame?”. E a onipresença das técnicas de comunicação apenas retoma, até a IA e os algoritmos e todos os “motores”, muitas vezes com muita angústia, essa questão.

2. As performances técnicas não conseguem suplantar a comunicação humana. Essa última, mais desajeitada, confrontada com o esquecimento, as mentiras e a imprecisão, continua a ser a última referência. Não é a internet, nem são as redes sociais, algoritmos ou invasão de dados que nos interessam, mas o *encontro* com alguém. Ninguém está enganado. Não há sociedades de robôs. Só os Homens vivem em sociedade, com todas as esperanças e os fracassos.

A consequência dessa diferença ontológica entre comunicação humana e técnica? Compreender, finalmente, que a segunda nunca poderá substituir a primeira. Daí a importância de preservar as diferenças de vocabulário. Por exemplo, entre a *conectividade* e o *contato*. A *conexão* concerne a todas as trocas de informação entre técnicas e entre as técnicas e os Homens. O *contato* define as relações humanas e sociais, com os cinco sentidos (audição,

olfato, tato, visão, paladar). Sem esquecer as dimensões do tempo, do espaço, da memória, do contexto, da invenção e do inesperado. *É essencial respeitar a diferença entre se conectar e entrar em contato.* Em um caso, trata-se de máquinas; no outro, dos Homens. A técnica, mesmo antropomorfizada, não consegue eliminar essa fronteira.

3. A comunicação é sempre mais complexa que a informação. É certo que as duas são inseparáveis: não há comunicação sem troca de informações, mas o essencial continua sendo a comunicação. *A informação, seja ela qual for, concerne à mensagem; a comunicação à relação,* portanto ao contato do *outro*. E a comunicação é sempre mais complexa que as performances, limitadas às interações. As técnicas são da ordem da *racionalidade*, a comunicação, do lado da *história*.

Basta ver a diversidade de línguas, culturas, tradições para perceber como é difícil escapar da incomunicação e da acunicação. Com a comunicação, estamos no coração da alteridade, da diversidade cultural e, finalmente, da política. Consequentemente, da paz e da guerra.

É nisso que reside a dimensão decididamente política da comunicação. Negociar para evitar a guerra. Basta observar o número de situações políticas em que se trata apenas de violência para compreender o lugar frágil ocupado pela comunicação em nossas sociedades, no sentido de negociação e convivência. O ódio ao outro, seja qual for a sua forma, na maioria das vezes prevalece sobre o desejo de cooperar. É por isso que o desejo, ou o ato de comunicação, é sempre um *ato político* para tentar evitar a violência nas relações com o outro. Uma aposta.

Portanto, é sempre indispensável distinguir entre essas *duas filosofias da comunicação*. A primeira, *técnica*, pressupõe que as ferramentas permitirão maior intercompreensão e paz. O que nunca foi, de fato, comprovado. É mesmo o inverso que ocorre: o progresso técnico sempre acaba reforçando a violência. Basta ver o grande progresso técnico das armas nas guerras. Uma lição para refletir em um momento em que, há 50 anos, a internet promete constantemente a paz e a emergência de uma sociedade pacífica... A segunda, *política*, lembra que além do desempenho das ferramentas, o essencial continua sendo a busca, ou não, por parte dos Homens de um pouco de respeito mútuo para evitar, pela negociação, se possível, a guerra e a violência.

A comunicação é, portanto, política, no sentido fundamental. Não apenas para a regulamentação dos *media*, do cinema, da internet e das Gafam.³ Não apenas no sentido de uma reflexão crítica e de uma ação sobre o *status* da comunicação e das indústrias de conhecimento, todas dimensões essenciais, mas no sentido da *natureza* e da *essência* do próprio ato de comunicar. É o próprio ato de comunicar que é político no sentido etimológico. De fato, comunicar, para além das raras situações de partilha e de perfeita compreensão, na maioria das vezes significa negociar para conseguir conviver e evitar o fracasso. Contudo, a

3 N.E.: Acrônimo de gigantes da Web, Google, Apple, Facebook, Amazon e Microsoft.

negociação é o coração da política, com a relação de forças e as concessões mútuas. É, portanto, a própria natureza da situação da comunicação que é política. *Comunicar é negociar*. Encontramos essa dimensão política nas duas filosofias, políticas e técnicas da comunicação. Com a comunicação humana, não podemos evitar a negociação e as relações de força. Tudo isso de que sonhamos nos livrar com as realizações da comunicação técnica. Esta última, na verdade, tenta estabelecer uma espécie de continuidade, em todo o caso de uma “relação simplificada” entre emissor, mensagem, técnica e recepção, lá onde a comunicação humana admite, ao contrário, o papel evidente da negociação para aproximar os pontos de vista diferentes, mesmo antagônicos. *Interação e continuidade com a comunicação técnica. Descontinuidade e relação de força com a comunicação humana.*

A comunicação técnica busca simplificar as relações humanas e torná-las o mais fluidas possível. Por outro lado, a comunicação humana sabe que sempre haverá concessões mútuas, entre pontos de vista mais ou menos contraditórios. Em ambos os casos, sabemos que a comunicação não é “natural”, e por isso a comunicação é sempre mais complicada do que a informação, pois concerne à relação e às dificuldades de compreensão. O que buscamos na comunicação técnica com a performance das ferramentas é obter o fluxo de transmissão e as interações mais simples possíveis. Com a comunicação humana, ao contrário, sabemos muito bem que na maioria das vezes demandam-se tempo, confrontos, fases de negociação e relações de força. Em ambos os casos, comunicação humana e comunicação técnica, procuramos reduzir o tempo e as dificuldades “para chegar a um acordo”. Em ambos os casos, a comunicação permanece fundamentalmente uma negociação e uma atividade política. É sua grandeza, sua fragilidade e sua originalidade.

4. O receptor

A questão da comunicação é também, em grande medida, a do receptor. Questão ainda mais complicada porque os receptores são cada vez mais numerosos e raramente alinhados com a mensagem e o emissor, e onipresentes em contextos cada vez mais heterogêneos. Alguém diz alguma coisa a alguém que não ouve. Se o receptor responde, ou diz alguma coisa, não significa que o primeiro vá ouvir ou concordar. *A comunicação? Uma sucessão de diálogos de surdos onde cada um “tem razão”.*

O crescente papel do receptor está também ligado à concepção democrática da comunicação hoje, na qual o receptor é finalmente autorizado a responder. O que não foi o caso por séculos. Não havia nem liberdade, nem igualdade de informação e comunicação. Se o século XX foi o da revolução da informação, até a vertigem da circulação de bilhões de dados, o século XXI será o da comunicação. Já não basta trocar para se compreender. *“Informar não é comunicar”.*

Acreditávamos que quanto mais informações houvesse, mais intercompreensões haveria. Infelizmente, podemos trocar sem nos compreendermos. É a incomunicação. Tudo se complica. A globalização e a mudança técnica favorecem as trocas, não necessariamente a comunicação. De fato, foi a incomunicação que revelou o papel essencial do receptor. É a grande ruptu-

ra da passagem do século XX para o século XXI com, como consequência, a impossibilidade de dizer, como foi dito por tanto tempo, que o receptor é estúpido e manipulado quando não concorda com o que dizemos. Na realidade, o receptor desempenha um papel essencial na interpretação das mensagens, aceitando-as ou recusando-as. Ele não é necessariamente estúpido ou manipulado. Ele pode ser dominado ou manifestar sua discordância, mas não é de forma alguma passivo na relação humana ou técnica. É esse papel ativo do receptor que explica por que a comunicação se torna difícil, arriscada. A performance crescente das técnicas não melhora necessariamente a intercompreensão. Especialmente porque nunca devemos esquecer o papel do *contexto*.

Além disso, só porque o receptor desempenha um papel mais importante não significa que ele tenha razão. Todo o problema é evitar passar de um excesso a outro. Ontem, o emissor “dominava” a comunicação; hoje é o receptor que quer impor sua lei. Na realidade, as relações são cada vez mais difíceis entre o emissor, a mensagem e o receptor. Tudo se torna relação de força. A ruptura do final do século XX e início do século XXI? O incrível volume de informações, a facilidade das trocas técnicas, o crescente número de interlocutores não são suficientes para facilitar a intercompreensão.

*

**

Além disso, existem vários tipos de receptor e negociação. Se o emissor e o receptor compartilham a mesma cultura e os mesmos valores, a negociação é mais fácil porque há um quadro comum de referências. Por outro lado, se os protagonistas pertencem a culturas diferentes, ainda por cima com desigualdades econômicas e sociais, as trocas são mais complicadas. Isso é essencial para compreender os *contrassensos* da *globalização*. A multiplicidade das trocas não favoreceu ainda mais a intercompreensão. É mesmo a alteridade, ao contrário, que se impõe.

É por isso que a alteridade é a grande questão do século XXI. Como podemos negociar e conviver quando não apenas não pertencemos ao mesmo mundo simbólico, mas também quando, na maioria das vezes, as desigualdades econômicas e sociais são consideráveis? Tudo se complicou com a globalização e com a inevitável relação de diferentes culturas. Tudo são negociação e relações de forças. A alteridade exige um número considerável de negociações, sob pena de agravar as crises. O que é mais frequentemente o caso. *Negociação, a palavra-chave do século XXI*. Como negociar e conviver pacificamente quando a alteridade cultural domina e as desigualdades econômicas e políticas também se impõem? Com tantas discrepâncias e desigualdades, como podemos ainda assim permanecer na ordem da incomunicação e evitar mergulhar na comunicação, no fracasso de toda intercompreensão?

A alteridade é igualmente a porta de entrada para outra questão teórica fundamental: a da diversidade cultural, o grande fato político do século XXI. Quanto mais aberto está o mundo, mais os povos querem manter sua identidade. Com o horizonte, *otimista*, conseguir orga-

nizar uma convivência cultural pacífica. Com o horizonte, *pessimista*, do fracasso de um mínimo de intercompreensão e o reino da comunicação, mesmo da guerra.

O desafio da sequência alteridade-diversidade cultural-convivência cultural? Fazer conviver entre o respeito as identidades e a universalidade. Quando abrimos a caixa de Pandora da comunicação, passamos do receptor à alteridade, da diversidade cultural à convivência cultural ou à comunicação...

Tudo se complica com a comunicação. É por isso que o sonho de uma sociedade digital é muito mais simples e sedutor. Falamos então apenas de “trocas de informações” e de “interatividades” sem nunca mencionar a questão do receptor, das desigualdades, das alteridades culturais, da incomunicação e da comunicação.

5. O núcleo teórico da comunicação

É, de fato, um vaivém permanente entre negociação, interação e ação. Tudo isso com atores inteligentes e críticos. Estamos longe da caricatura atual da comunicação reduzida à manipulação de um receptor passivo e crédulo. Infelizmente, ou tanto melhor, o receptor é inteligente, mesmo que seja analfabeto e mesmo que nem sempre tenha razão. É nisso, notadamente, que a comunicação é uma atividade de natureza humana e política e não técnica, ainda que a técnica desempenhe um papel determinado.

Se expandirmos, podemos distinguir quatro situações de comunicação no século XXI.

1. A dominação e a hierarquia sem igualdade, sem direito de existir para o receptor e para o outro. Uma realidade que existe desde os primórdios dos tempos e em todas as situações de ditadura e regimes autoritários. Uma comunicação de cima para baixo, sem retorno, nem negociação, nem alteridade.
2. A redução da comunicação à sedução, ao desejo e à influência. Todo mundo tenta seduzir e influenciar... Trata-se de um comportamento universal. Cada um, em sua própria escala, o utiliza, sem reconhecer. Obviamente. E isso cada vez mais, à medida que os receptores se tornam autônomos.
3. O mito da sociedade técnica, hoje digital, na qual supomos que emissor e receptor estejam *on-line*. A alteridade desaparece, nós gerenciamos as conexões...
4. A comunicação como negociação entre parceiros mais ou menos iguais, em todos os casos diferentes, com o objetivo de organizar a convivência pacífica entre lógicas contraditórias. Respeitar também as identidades e referências culturais. O desafio da comunicação democrática no século XXI.

Concepção política da comunicação, que defendo, centrada na negociação para organizar a convivência, se possível pacífica, é um verdadeiro desafio. Somente a política e a negociação poderão evitar que a infinita multiplicação de trocas resulte em ainda mais incomunicação e comunicação. É por isso que essa mudança no *status* teórico da comunicação está no cerne da política contemporânea. Infelizmente, não existe muita consciência dessa ruptura em 50 anos. É antes a ideologia técnica que prevalece. Com, infelizmente, o papel

ativo das elites. Passar a vida em “aplicativos” para não enfrentar a complexidade antropológica da comunicação. Um exemplo: confundir o papel positivo da internet na luta contra as ditaduras (bem como todos os outros meios de comunicação dos quais não falamos mais sobre) e o papel da internet nas democracias, onde é muito mais discutível, com seus múltiplos *dark sides*... Não, a internet não é o símbolo da liberdade. Não, o Homem não é melhor com o digital.

6. Europa: a vitória da incomunicação

Por que terminar pela Europa? Porque a Europa é a maior experiência política da mudança de paradigma da comunicação. Os europeus, radicalmente diferentes uns dos outros, nunca de acordo, conseguiram em 60 anos, e indo de 6 a 27, talvez 30, construir esse espaço de convivência. *Os europeus? Não concordam em nada, mas estão sempre juntos.* Tudo os separa, nada os une. O fracasso é programado todos os anos e, no entanto, trata-se da maior experiência democrática da história da humanidade. E na Europa, onde predominam diferenças e conflitos, a negociação triunfa constantemente. Negociações que impedem a comunicação e permitem gerir cotidianamente a incomunicação, condição da paz. É por isso que chamei meu último livro *Vive l'incommunication, La victoire de l'Europe* (Les Pérégrines, anteriormente edições François Bourin, 2020). A incomunicação não é um obstáculo à construção da Europa, ela é, ao contrário, sua condição. Situação paradoxal, mas que ilustra a mudança de paradigma da comunicação política.

O risco, diante de tantas incomunicações, é evidentemente ser seduzido pela “democracia digital” que é, na realidade, o triunfo de uma concepção técnica da comunicação. Não, não é com a internet e as Gafam que faremos a Europa. O essencial? Recolocar a política no centro das trocas. Não adaptar a Europa ao digital, mas o contrário: pensar o pós-digital. *A Europa? A primeira sociedade “pós-digital”.* Sim aos sistemas de informação, mas em seu lugar. Não como um substituto da política. Não como meio de reduzir a política à potência das redes e plataformas. Outro risco: querer minimizar as incomunicações europeias. Certamente, elas são difíceis de assumir, mas, para além disso, elas não são o obstáculo, mas a condição para a construção dessa nova entidade política. A incomunicação reconhece a legitimidade das diferenças e permite, simultaneamente, por meio da negociação, aproximar-se.

Conviver sem perder suas identidades. Esta é a aposta insana e bem-sucedida dos europeus. Essa realidade europeia está alinhada com o ideal de *L'autre mondialisation* (2003), centrado no respeito às diferenças culturais, à negociação e à convivência. A comunicação política se encontra, portanto, no centro dos conceitos para pensar a política do século XXI.

O paradoxo? Os europeus, que estão na vanguarda deste fantástico projeto político baseado na comunicação, na negociação, na convivência, não sentem, no entanto, orgulho do que estão a fazer. Infelizmente. Lamentável. A negociação interminável no coração da Europa durante sessenta anos é, no entanto, incontestavelmente um pro-

gresso do pensamento e da ação política. Quando os europeus finalmente se orgulharão do que estão construindo? Orgulhosos da experiência? Orgulhosos da sua construção política?

 Data do recebimento: 29/04/2022

Data do aceite: 02/05/2022

Dados do autor:

Dominique Wolton

Sociólogo francês, especialista em Ciências da Comunicação. Seus temas de estudo incluem mídias, espaço público e comunicação política. É diretor de pesquisa do Centre National de la Recherche Scientifique, onde coordena o Laboratório de Informação, Comunicação e Implicações Científicas.